

OFICINA DE DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO Rio de Janeiro

Apoio:



Sociedade
Nacional de
Agricultura



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	2
2. HISTÓRICO	4
3. OBJETIVOS	4
4. METODOLOGIA	5
5. O QUE É UM DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO?.....	6
6. MATERIAIS PARA A OFICINA	9
7. FERRAMENTAS DE DRP PLANEJADAS PARA AS OFICINAS.....	20
8. FONTES CONSULTADAS	31
9. EQUIPE.....	32

**“Há o suficiente no mundo para
todas as necessidades humanas.
Não há o suficiente para a cobiça
humana”.**
(Mahatma Gandhi)



1. APRESENTAÇÃO



Este documento apresenta o material elaborado para as “Oficinas de Diagnóstico Rural Participativo (DRP)” realizadas em diversos municípios no Estado do Rio de Janeiro. Essas atividades fazem parte do escopo da pesquisa junto ao produtor rural, realizada no Estado do Rio de Janeiro, parte integrante do projeto em desenvolvimento "**Centro de Inteligência em Orgânicos**", realizado pela Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) com apoio do Sebrae. O propósito do projeto é incentivar o fortalecimento da cadeia de alimentos e produtos orgânicos no Brasil, por meio da integração e difusão de informação e conhecimentos.

As oficinas serão realizadas das 9h às 17h, durante dos dias nos municípios, e contam com o apoio das Prefeituras municipais. As atividades serão coordenadas pela professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR-UFRRJ), Juliana Arruda e por sua equipe.

O conteúdo desta publicação não deve ser visto como um guia rígido. Ao contrário, os princípios básicos das técnicas e ferramentas são a flexibilidade e a sensibilidade para a inovação. Assim, não se pretende estabelecer linhas de conduta, mas auxiliar as pessoas a estabelecer formas de trabalho, de acordo com os contextos ambientais, socioeconômicos e políticos, que sabemos serem extremamente diversificados.

2. HISTÓRICO

A Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) – a mais antiga instituição do setor agrícola do Brasil, com 115 anos – realiza, desde o início deste século, um trabalho direcionado ao desenvolvimento do setor orgânico no Brasil.

Com a aprovação do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e de outros órgãos, implementou, por intermédio de sua Incubadora de Empresas, e com o apoio do Sebrae, o Projeto OrganicsNet, que tem seu foco voltado para a agricultura orgânica brasileira. A partir de uma plataforma na Internet, lançada em 2008, a SNA passou a estimular a cadeia de produção do setor, oferecendo apoio a pequenos e médios produtores.

Agora, com o lançamento do Centro de Inteligência em Orgânicos, a Sociedade Nacional de Agricultura reforça seu trabalho junto a essa parcela de produtores rurais, realizando pesquisas, capacitações, eventos e seminários com o apoio do Sebrae.

3. OBJETIVOS

O objetivo das oficinas é identificar, de forma participativa, os requisitos necessários para fortalecer a produção orgânica municipal.

Este material visa contribuir para:

- Tornar o grupo eficaz no trabalho e na ação conjunta;
- Melhorar a manutenção de registros e anotações;
- Intensificar a comunicação e a abertura dentro

de um grupo;

- Incentivar os grupos a tomar medidas



positivas e autônomas sem a intervenção externa.



4. METODOLOGIA



Para começarmos neste trabalho conjunto, alguns passos são importantes e antes de iniciarmos, vamos compreender como este material está dividido.

No item nº 5, vocês encontrarão informações sobre os conteúdos relacionados a “O que é um DRP?”;



No item nº 6, serão apresentados os materiais utilizados durante as oficinas (crônicas, músicas, filmes etc.);

O item nº 7 trará as ferramentas de DRP planejadas para a realização das oficinas;



Vamos aproveitar esta chance para confraternizar com pessoas que têm interesses comuns aos nossos e transformar este final de semana num momento de alegria e trabalho.

ejam bem-vindos!



Agradecemos a presença de todos e mãos a obra!

5. O QUE É UM DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO?

O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento.

Desta maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação.

Embora originariamente tenham sido concebidas para zonas rurais, muitas das técnicas do DRP podem ser utilizadas igualmente em comunidades urbanas.

O objetivo principal do DRP é apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável.

A partir do DRP tenta-se avaliar os problemas e as oportunidades de solução, identificando os possíveis projetos de melhoria dos problemas mais destacados por grupos de pessoas de diferentes idades, posição social e política, que podem apresentar posturas semelhantes ou contrárias, e que contribuem com seus pontos de vista.



Os princípios básicos do DRP

Respeita a sabedoria e a cultura do grupo.

Analisa e entende as diferentes percepções.

Escuta a todos da comunidade.

Visualização imediata dos assuntos tratados.

Análise e apresentação na comunidade.

Para realizar esta oficina e torná-la, a mais participativa possível, sugerimos os seguintes passos:

- 1. Fixar o objetivo do diagnóstico.**
- 2. Identificar as expectativas dos/as participantes no DRP.**
- 3. Incentivar a participação de todos nas ferramentas de diagnóstico.**
- 4. Desenhar o processo do diagnóstico em conjunto.**



6. MATERIAIS PARA A OFICINA

CRÔNICAS

A crônica a seguir foi escrita por Paulo Coelho em seu livro “O livro dos manuais”.

MANUAL PARA SUBIR MONTANHAS

1 - Escolha a montanha que deseja subir: não se deixe levar pelos comentários de outros, dizendo “aquela é mais bonita”, ou “esta é mais fácil”. Você irá gastar muita energia e muito entusiasmo para atingir seu objetivo, portanto é o único responsável, e deve ter certeza do que está fazendo.

2 - Saiba como chegar diante dela: muitas vezes, a montanha é vista de longe – bela, interessante, cheia de desafios. Mas quando tentamos nos aproximar, o que acontece? As estradas a circundam, existem florestas entre você e o seu objetivo, o que aparece claro no mapa é difícil na vida real. Portanto, tente todos os caminhos, as trilhas, até que um dia você está em frente ao topo que pretende atingir.

3 - Aprenda com quem já caminhou por ali: por mais que você se julgue único, sempre alguém teve o mesmo sonho antes, e terminou deixando marcas que podem facilitar a caminhada; lugares onde colocar a corda, picadas, galhos quebrados para facilitar a marcha. A caminhada é sua, a responsabilidade também, mas não se esqueça que a experiência alheia ajuda muito.

4 - Os perigos, vistos de perto, são contornáveis: quando você começa a subir a montanha dos seus sonhos, preste atenção ao redor. Há despenhadeiros, claro. Há fendas quase imperceptíveis. Há pedras tão polidas pelas tempestades, que se tornam escorregadias como gelo. Mas, se você souber onde está colocando cada pé, irá notar as armadilhas, e saberá contorná-las.

5 - A paisagem muda, portanto aproveite: claro que é preciso ter um objetivo em mente – chegar ao alto. Mas



à medida que se vai subindo, mais coisas podem ser vistas, e não custa nada parar de vez em quando e desfrutar um pouco o panorama ao redor. A cada metro conquistado, você pode ver um pouco mais longe, e aproveite isso para descobrir coisas que ainda não tinha percebido.

6 - Respeite seu corpo: só consegue subir uma montanha quem dá ao corpo a atenção que merece. Você tem todo o tempo que a vida lhe dá, portanto caminhe sem exigir o que não pode ser dado. Se andar depressa demais, irá ficar cansado e desistir no meio. Se andar muito devagar, a noite pode descer e você estará perdido. Aproveite a paisagem, desfrute a água fresca dos mananciais e das frutas que a natureza generosamente lhe dá, mas continue andando.

7 - Respeite sua alma: não fique repetindo o tempo todo “eu vou conseguir”. Sua alma já sabe isso, o que ela precisa é usar a longa caminhada para poder crescer, estender-se pelo horizonte, atingir o céu. Uma obsessão não ajuda em nada a busca do seu objetivo, e termina por tirar o prazer da escalada. Mas atenção: tampouco fique repetindo “é mais difícil do que eu pensava”, porque isso o fará perder a força interior.

8 - Prepare-se para caminhar um quilômetro a mais: o percurso até o topo da montanha é sempre maior do que

o que você está pensando. Não se engane, há de chegar o momento em que o que parecia perto ainda está muito longe. Mas, como você se dispôs a ir além, isso não chega a ser um problema.

9 - Alegre-se quando chegar ao cume: chore, bata palmas, grite aos quatro cantos que conseguiu, deixe que o vento lá em cima (porque lá em cima está sempre ventando) purifique sua mente, refresque seus pés suados e cansados, abra seus olhos, limpe a poeira do seu coração. Que bom, o que antes era apenas um sonho, uma visão distante, agora é parte da sua vida, você conseguiu.

10 - Faça uma promessa: aproveite que você descobriu uma força que nem sequer conhecia, e diga para si mesmo que a partir de agora irá usá-la pelo resto de seus dias. De preferência, prometa também descobrir outra montanha, e partir para uma nova aventura.

11 - Conte sua história: sim, conte sua história. Dê seu exemplo. Diga a todos que é possível, e outras pessoas então sentirão coragem para enfrentar suas próprias montanhas.





A crônica abaixo foi escrita por Ruben Braga há mais de trinta anos e poderia ter sido escrita por um dos participantes, diante de suas produções, seus cultivos.

UM PÉ DE MILHO



Os americanos, por meio do radar, entraram em contato com a Lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho.

Aconteceu que, no meu quintal, em um monte de terra trazida pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim - mas descobri que era um pé de milho.



Transplantei-o para o exíguo canteiro da casa. Secaram as pequenas folhas; pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo, veio um amigo e declarou desdenhosamente que aquilo era capim. Quando estava com dois palmos, veio outro amigo e afirmou que era cana.



Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança suas folhas além do muro e é um esplêndido pé de milho.

Já viu o leitor um pé de milho?



Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais - mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua - não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente.

Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas - mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou.



Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza.

Meu pé de milho é um belo gesto da terra.

Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.



MÚSICAS

Tocando em Frente - Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa,
E levo esse sorriso, porque já chorei demais,
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
ou nada sei. Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida, seja simplesmente
Compreender a marcha, ir tocando em frente,
Como um velho boiadeiro, levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou,
Estrada eu sou. Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir.

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora.
Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.
Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir.

Ando devagar porque já tive pressa,
E levo esse sorriso, porque já chorei de mais,
Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.

No Rastro da Lua Cheia - Almir Sater

No quintal lá de casa
Passava um pequeno rio
Que descia lá da serra
Ligeiro escorregadio
A água era cristalina
Que dava pra ver o chão
lá cortando a floresta
Na direção do sertão
Lembrança ainda me resta
Guardada no coração...

E tudo era azul celeste
Brasileiro cor de anil
Nem bem começava o ano
Já era final de Abril
O vento pastoreando
Aqueles nuvens no céu...
Fazia o mundo girar

Veloz como um carrossel
E levantava a poeira
E me arrancava o chapéu

Ah o tempo faz, tempo desfaz
E vai além sempre...

A vida vem lá de longe
É como se fosse um rio
Pra rio pequeno canoa
Pros grandes rios navios
E bem lá no fim de tudo
Começo de outro lugar
Será como Deus quiser
Como o destino mandar
No rastro da lua cheia
Se chega em qualquer lugar!

Prelúdio - Raul Seixas

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade



Semente - Almir Sater



Atirei minha semente
Na terra onde tudo dá
Chuva veio de repente
Carregou levou pro mar
Quando as águas foram embora
Plantei sonhos no chão
Mais demora minha gente
Ter na hora um verde puro
Ou dar fruto bem maduro



Me doeu a impotência
Diante da sorte má
Então eu fiz paciência
Bem maior do que o azar
Convoquei os meus duentes
Pra fazer mutirão
Logo um toque de magia
Passou de mão em mão



Um pomar
Meu adubo foi amor
Esperança o regador
Bem na hora da colheita
Lá se vai a ilusão
Foi geada e a seca me
Queimando a floração

Esse ano com certeza
Desengano vai Ter fim
Natureza tem seus planos
Mas não sabe ser ruim
Tão seguro quanto o ar
Ser mais quente no verão
Da semente sai futuro
Nem que seja temporão



POESIA

Terra Chão, Terra Pão - Ademar Bogo

Terra gentil, húmus da vida
Força contida que faz gerar
Massa que guarda corpos, raízes...
Campos felizes, festa, canção.
Terra molhada, seca, curtida
Força mantida em proteção
Folhas curtidas, flores, perfumes...
Coisas... costumes da tradição.
Terra plantada, planta, colheita...
Que se deleita ao ver sorrir
Fome saciada, palha comida
Refeita a vida, volta a dormir.
Rasteira, alta ou baixa...
É sempre pão!
Morena, pálida, escura, clara...
É sempre pão!
Penhascos, pântanos, desertos...
É sempre pão!
Fundo do mar, dos rios e vales...
É sempre pão!
Sempre há uma vida em qualquer espaço
Há sempre um braço estendendo a mão.
Vida! Vida! Por que tens que ser tanto dividida?



VÍDEOS



Agricultura Orgânica - Embrapa

O vídeo apresenta a experiência da Embrapa Agrobiologia, que vem há mais de 10 anos gerando conhecimentos e tecnologias para a agricultura orgânica.



Este vídeo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=bd1GinLhZQE>

Agricultura Orgânica de Alto Valor Nutritivo

O vídeo apresenta a experiência da agricultura orgânica em Vassouras-RJ depois do declínio da cafeicultura na cidade. Apresenta a iniciativa dos produtores de recuperar a fertilidade do solo através de práticas utilizadas na agricultura orgânica e a difusão de conceitos ecológicos para os demais agricultores da região.



Este vídeo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=4aL0Pk3Y6uM&feature=related>



Sebrae - Agricultura Orgânica

O vídeo apresenta um agricultor atento aos riscos relacionados aos agrotóxicos e seus efeitos à saúde humana e como a agricultura orgânica influencia em uma melhor qualidade de vida. Esse empreendedor mostra com satisfação a sua propriedade e sua produção orgânica.



Este vídeo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=68lyO9m5jJs&feature=related>

7. FERRAMENTAS DE DRP PLANEJADAS PARA AS OFICINAS

CALENDÁRIO AGRÍCOLA

TEMA: mostra informação sobre as estações agrícolas e atividades produtivas da comunidade. Refere-se ao tipo de cultivo, ao tipo de criação, ao tempo adequado para cultivá-lo e às atividades agrícolas realizadas.

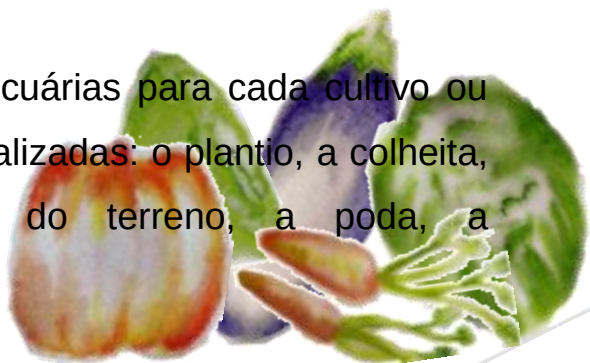
OBJETIVO: identificar os produtos que são cultivados na comunidade e em que tempo são realizados. Permite revisar se os produtos estão sendo cultivados no tempo adequado ou se é necessário identificar técnicas mais adequadas. Também mostra a rotação de cultivos nas diferentes épocas do ano.

TEMPO: 1-2 horas.

MATERIAL: pedaço de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou materiais disponíveis no chão.

COMO É FEITO: formar um grupo e explicar o objetivo e os elementos do calendário agrícola. Inicia-se definindo a escala de tempo (semanas, meses, estações, etc.). Costuma-se começar com o cultivo mais importante, o segundo mais importante e assim sucessivamente.

Definir as atividades agrícolas e pecuárias para cada cultivo ou animal e em que momento do ano são realizadas: o plantio, a colheita, a limpeza dos cultivos, a limpeza do terreno, a poda, a comercialização, etc.



Exemplo de calendário agrícola:

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Milho	Comércio 👤	Comércio 👤						Plantio 👤👤	Plantio 👤👤			Colheita 👤
Feijão	Colheita 👤	Comércio 👤	Comércio 👤						Plantio 👤👤	Plantio 👤👤		
Pasto verão	Disponível 👤							Plantio 👤		Disponível 👤	Disponível 👤	Disponível 👤
Pasto inverno			Plantio 👤		Disponível 👤	Disponível 👤	Disponível 👤					
Gado leite	Produção Reprodução 👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Produção Comércio Consumo 👤👤	Nascimen- tos Comércio Consumo 👤👤	Nascimen- tos Comércio Consumo 👤👤	Vacinação 👤	Reprodu- ção 👤

Fonte: Verdejo, 2006.

FLUXOGRAMA COMERCIAL (OU DE COMERCIALIZAÇÃO)

TEMA: diagrama que expõe todos os fluxos econômicos de uma entidade. Esta pode ser uma propriedade, uma associação de produtores ou qualquer outro conjunto produtivo.

OBJETIVO: expor os fluxos comerciais em sua totalidade, permitindo uma análise da eficiência, as debilidades e os potenciais comerciais.

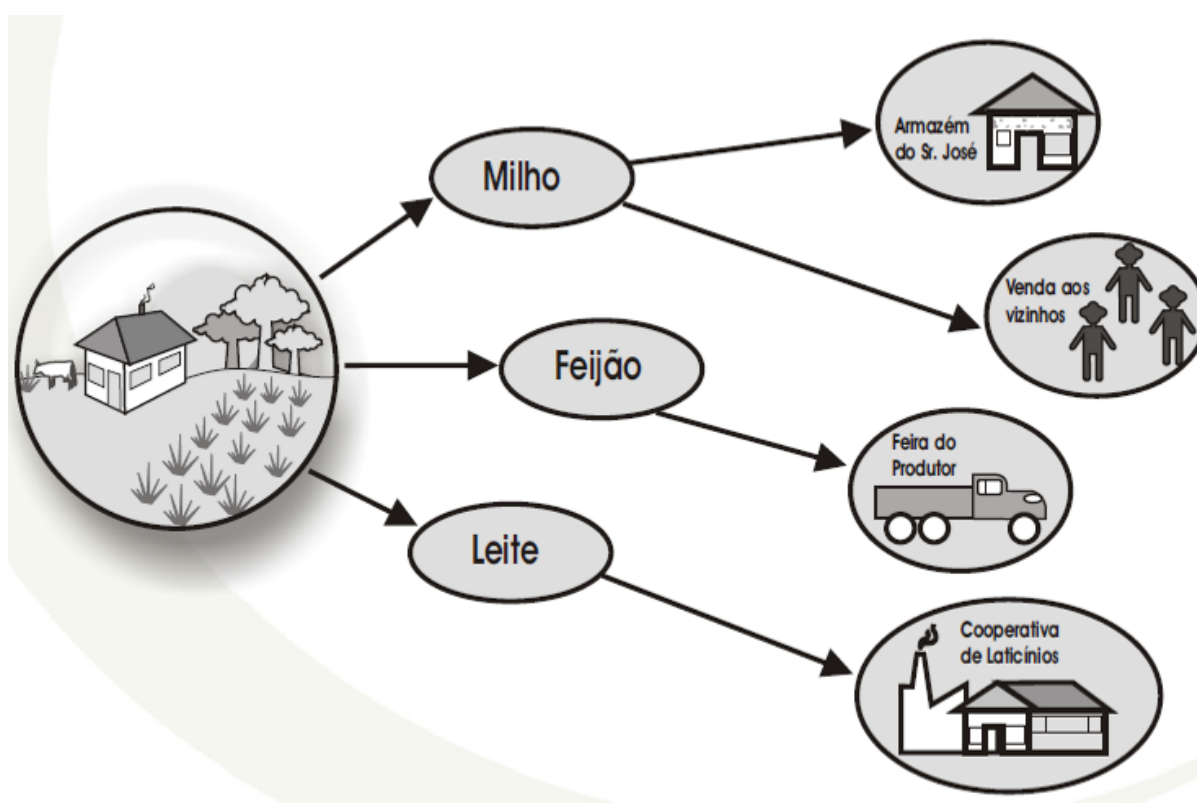
TEMPO: aproximadamente 2 horas.

MATERIAL: pedaço grande de papel, fichas em branco, cartolina, pincéis ou qualquer tipo de materiais disponíveis sobre o chão.

COMO É FEITO: reunir o grupo de pessoas representantes da unidade de comercialização (a família da propriedade e seus

empregados, os membros da associação de produção, etc.). Como ponto de referência, pode-se desenhar a propriedade ou o armazém da associação. Posteriormente são nomeados todos os produtos que são comercializados, e, a seguir, vão sendo detalhados os passos (fluxos) na comercialização de cada um.

Exemplo de fluxograma de comercialização:



Fonte: Verdejo, 2006.



ÁRVORE DE ENCADEAMENTO LÓGICO (ÁRVORE DE PROBLEMAS)

TEMA: analisar a relação de causa-efeito de vários aspectos de um problema previamente determinado pelo grupo. As raízes da árvore simbolizam as causas do problema; o próprio problema se encontra no tronco; e os galhos e as folhas representam os efeitos.

OBJETIVO: a intenção é identificar e analisar um problema com a finalidade de estabelecer as causas primárias. Estas causas primárias serão o ponto de partida para a busca de soluções.

TEMPO: aproximadamente 2 horas.

MATERIAL: papel, pinceis, cartões (ou papel cortado em pedacinhos pequenos) e cola.

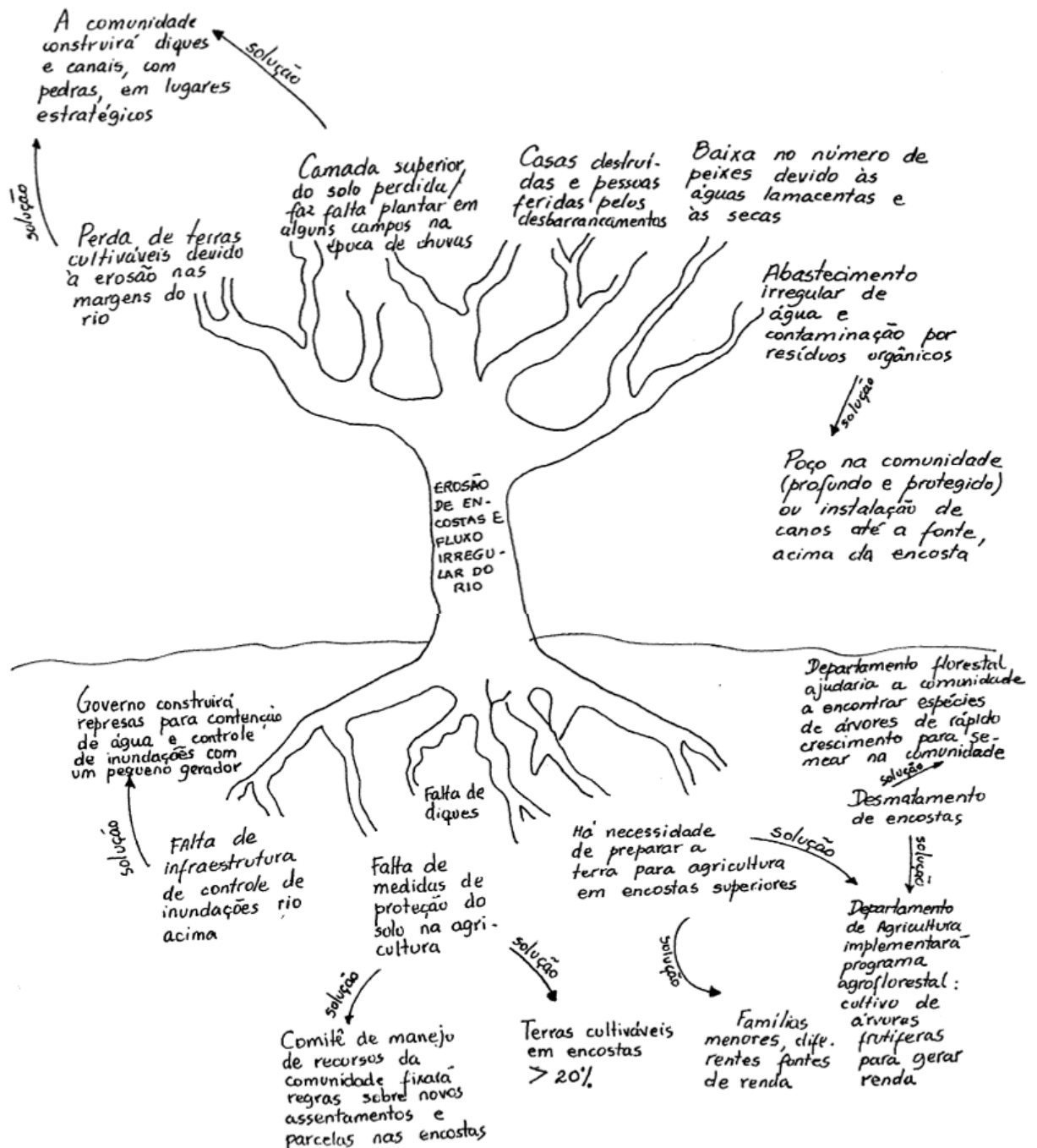
COMO É FEITO: formar um grupo e explicar a técnica. Inicia-se desenhando uma árvore e colocando o problema identificado previamente no tronco da árvore. Na discussão, em grupos menores, devem ser preenchidos cartões com possíveis causas (raízes) e efeitos (galhos) do problema. Depois de identificados, os grupos se reúnem e colocam os cartões com as causas e efeitos na árvore.

Uma vez selecionados todos os elementos, discute-se o que verdadeiramente é causa ou efeito e, se for necessário, trocam-se da raiz aos galhos ou o inverso. Quando o grupo estiver de acordo com a colocação dos cartões, estes são fixados na árvore.

No debate final, discute-se quais das causas podem ser eliminadas ou controladas por atividades da comunidade.

Exemplo de árvore de problemas

Diagrama de árvore de problema-causa-efeito realizado com um grupo de agricultores interessados em prevenir a erosão de encostas e a inundação



Fonte: Barton et al., 1997.

Os agricultores são um grupo de interesse de uma situação fictícia apresentada pelos autores.

Fonte: Drumond, 2002.

ANÁLISE SWOT OU “FOFA”

TEMA: esta matriz analisa os grupos organizados da comunidade.

OBJETIVO: identificar, analisar e visualizar a situação atual dos grupos para conseguir um fortalecimento organizativo.

TEMPO: 1 hora.

MATERIAL: bloco de papel, cartões, lápis, pinceis, giz de cera.

COMO É FEITO: reunir um grupo de homens e mulheres da comunidade que participam regularmente dos diferentes grupos. Explicar a ferramenta e seus objetivos (podem ser grupos divididos por tipo de produção). Começar a discutir as fortalezas, fraquezas, oportunidades e ameaças que podem afetar cada grupo.

Fortalezas são fatores no interior do grupo que contribuem para o seu melhor desempenho.

Fraquezas são fatores no interior do grupo que influem negativamente sobre o desempenho.

Oportunidades são fatores externos que influem ou poderiam influir positivamente no desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não exerce controle.

Ameaças são fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não tem controle.

Finalmente são discutidas as relações existentes do grupo com os outros grupos da

comunidade e com instituições externas, analisando o estado atual das relações e como poderiam fortalecer-se.

Exemplo de análise “FOFA”:



Fonte: Verdejo, 2006.

MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO DE PROBLEMAS

TEMA: ferramenta que permite de maneira fácil priorizar os problemas identificados durante o diagnóstico, segundo sua importância e ou urgência.



OBJETIVO: estabelecer uma hierarquia dos problemas identificados que permita à comunidade se concentrar nos problemas que consideram mais importantes.

TEMPO: 2-3 horas.

MATERIAL: papel, cartão e pinceis.

COMO É FEITO: formar um grupo e explicar a ferramenta. Anotar os problemas identificados durante a elaboração da “árvore de problemas”. Discutir e estabelecer se serão valorizados numa matriz, segundo sua importância e urgência, ou se serão feitas duas matrizes separadas: uma para priorizar a urgência e outra para a importância. Segundo o tamanho do grupo, cada participante pode votar em até 3 problemas (grupos pequenos) ou por um só problema (grupos grandes).

Exemplo de matriz de priorização de problemas:

Problema	Marcar prioridade	Total	Categoria de Prioridade
Falta de água	X X X X X X X X X	9	3º
Mau estado da escola	X X X X	4	5º
Mau estado da rodovia	X X X X X X	6	4º
Erosão	X X	2	6º
Problemas de saúde	X X X X X X X X X X	10	2º
Títulos de propriedade	X X X X X X X X X X X X X X	13	1º

Fonte: Verdejo, 2006.

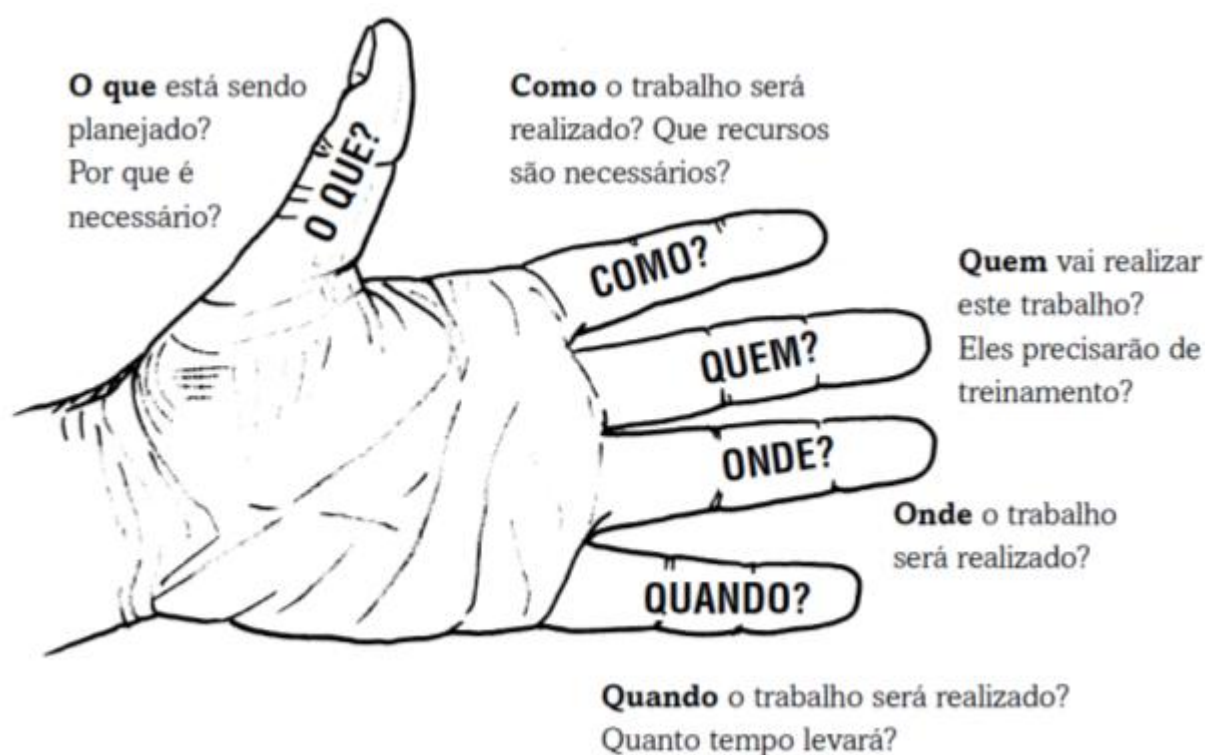
PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES COM O MÉTODO DOS CINCO DEDOS

Para que as atividades tenham êxito, é sempre útil primeiramente planejá-las cuidadosamente e colocá-las em ordem de prioridade.

Por este motivo, primeiro fizemos a “matriz de priorização de problemas”.

Uma vez que o grupo tenha decidido quais são os problemas prioritários, ele pode começar a agir.

As Perguntas dos Cinco Dedos são uma boa forma de planejamento:



Fonte: Carter, 2002.



Por que é importante fazer estas perguntas para todas as atividades que o grupo pretende realizar?

O que poderia acontecer, se elas não fossem feitas?

Experimente-as para pelo menos três problemas que os participantes estão pretendendo resolver.



EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO DA MATRIZ DO FUTURO DESEJADO

ESTADO DESEJADO	PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	O QUE PRECISAMOS CONHECER(*)	COMO?	QUANDO?	QUEM?
Criação de Caprinos/Ovinos	- Área de Pastagem - Prática na atividade - Pasto nativo de boa qualidade	- Disponibilidade de água - Manejo Inadequado - Falta de apriscos - Animais de baixa qualidade	- Capacidade suporte das pastagens - Número de animais atuais/família e total. - Número de assentados para atividade. - Número de animais/família e/ou sistema produtivo atual. - Demanda do mercado Local/Regional	- Construir uma Barragem para atender todo assentamento. - Levantamento das informações do "O que precisamos conhecer" - Capacitação em manejo de caprinos/ovinos. - Construção de 4 apriscos rústicos em mutirão - Estudo de mercado - Elaboração do Projeto - Negociação dos - Implant. do Projeto	Até Maio de 2000 Até 20/09/1999 Em julho de 2000 Até dez /1999 Até dez/1999 Até Mai/2000 Em julho de 2000 Set/2000	Dir. da Ass. /Comissão de Infraestrutura Com. Produção/Lumiar Com. Produção/Lumiar Com. Produção/Assent. Com. Produção/Lumiar Com. Produção/Lumiar Com. Produção/Lumiar
Construir uma Barragem para atender todo assentamento.	- Local apropriado para a obra. - Boa quantidade de chuva no inverno	O rio não corre todo ano	- Confirmar tecnicamente se o local é viável - Verificar se o volume de água será suficiente	- Solicitar um especialista - Negociar a elaboração do Projeto. - Negociar com as fontes de financiamento	Até set/1999 Até Out/1999 Até dez/1999	Com. Infraestrut./Diretorial/Lumiar

8. FONTES CONSULTADAS



CARTER, Isabel. **Desenvolvendo as capacidades de grupos locais.** Guia PILARES. Reino Unido: Tearfund, 2002.



DRUMOND, Maria Auxiliadora. **Participação comunitária no manejo de unidades de conservação: manual de técnicas e ferramentas.** Belo Horizonte: Instituto Terra Brasilis de Desenvolvimento Socioambiental, 2002.

PEREIRA, Denise Scabin; FERREIRA, Regina Brito. **Ecocidadão.** Cadernos de Educação Ambiental. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente / Coordenadoria de Educação Ambiental, 2008.

Planejando a sustentabilidade. **Revista Passo a Passo**, nº.64, nov. 2005.

Trabalho no campo. **Coleção Cadernos de EJA**, Brasília: MEC, 2007.



VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: Um guia prático.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário / Secretaria de Agricultura Familiar, 2006.

9. EQUIPE

Coordenação

Sylvia Wachsner – Coordenadora, CI Orgânicos, SNA

Maria Chan - Consultora da SNA

Ricardo Salles - Íntegra Ambiental

Execução

Wellington Mary

Engenheiro Agrônomo (UFRRJ, 1988), Mestre em Fitotecnia (UFRRJ, 1995) e Doutor em Engenharia Agrícola (UNICAMP, 2005). Atualmente é professor da UFRRJ e atua nas seguintes áreas: Cultivo Protegido e Ambiente, Hidroponia, Soluções Nutritivas, Substratos, Agricultura Urbana, Paisagismo e Conforto Ambiental de Edificações ("telhado verde"). Experiência em projetos de pesquisa e extensão com enfoque em tecnologias alternativas e inclusão social.

Juliana Arruda

Graduada em Ciências Agrícolas (UFRRJ, 2004), Mestre em Engenharia Agrícola (UNICAMP, 2006) e Doutora em Ciências Sociais (UFRRJ, 2011). Atualmente é professora no Colégio Técnico da UFRRJ e atua nas seguintes áreas: Agricultura Urbana, Agroecologia, Educação Ambiental e Extensão Rural. Experiência em projetos de pesquisa e extensão com enfoque socioambiental.

Vagner Silva

Graduado em Ciências Agrícolas (UFRRJ, 2009). Atualmente é mestrando na PUC e atua nas seguintes áreas: Planejamento da Agenda 21, Educação Ambiental, Diversidade Sexual e Identidades de Gênero na Escola. Experiência em projetos de Extensão Universitária (Conexões de Saberes) e de Extensão Rural (Projeto de Desenvolvimento Agrícola Sustentável em Áreas de Reforma Agrária na Baixada Fluminense - DASARA).

Pammella Dutra

Graduada em Ciências Agrícolas (UFRRJ, 2010). Atualmente faz especialização na UFF e é professora no município de Itaguaí-RJ. Atua nas seguintes áreas: Educação Infantil e Pré-escolar, Oficinas de Ciências, Agricultura Urbana e Metodologias Participativas. Experiência em projeto de pesquisa em agricultura urbana (Análise e Acompanhamento da Rede Fitovida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RJ) e de Extensão Universitária (Hortas pedagógicas em Seropédica - RJ).

Raphaella Santos de Souza

Estudante de agronomia (UFRRJ). Atualmente professora do Pré-Vestibular Comunitário Dom Helder Câmara, em Anchieta - RJ. Atua em atividades de desenvolvimento de projetos socioambientais. Experiência em Educação, com ênfase em Educação Comunitária, Metodologias Participativas, Agricultura Urbana e Segurança Alimentar e Nutricional (Análise e Acompanhamento da Pastoral da Criança na Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RJ).

